

# Infieis defunctos

Viver como a gente portugueza, delegando a administração dos seus bens em creaturas cuja folha corrida não vem lavada de maculas, é confirmar e proseguir a tradição da vetusta existencia dos morgados Effectivamente se diz que ao tempo em que a audacia temeraria dos antigos carreava para cá o melhor ouro dos outros, o governo caseiro corria pelas mãos de mercenarios, os quaes, mediante uma esportula convencionada e de vulto, dirigiam

os negocios domesticos. Com taes ninharias não se prendia o fidalgo, que bem falho era o tempo para *culbuter des femmes* e cuidar dos burros. A ponto tal, que trazer dinheiro na bolsa ou pegar-lhe era um desdouro.

Por este andar o desfecho foi dos mais pavorosos; antigos servos, velhos dispenseiros, moços de cavallariça eram ao deante os proprietarios dos bens do amo, o qual, em cada casamento de filha, ia hypothecando as propriedades á cerja de canalhas que haviam vindo simultaneamente a cavar-lhe a ruina e a engraxar-lhe os botins. Um dia a gafada progenie appareceu por ahi a demandar encartes em comarcas ou escreveduras nas camaras municipaes. E da archaica legião fidalga era vêr os vestigios:—na propriedade, da posse de velhos gatu-nos, na descendencia, pela boa letra e má orthographia.

Talqualmente se nos pinta a conducta e estado d'este povo. Certo de boas posses, jamais indagou d'onde recrutava os mordomos, se de honestos, se de *escrocs*. Estes prevaleceram ao que se vê; e, como os congeneres dos antigos morgados, iam enriquecendo á medida que a propriedade endividava. Como no tal caso, quando o paiz reclama dinheiro para—um casamento real, por exemplo—lá o pede. E afim de que o parallelo seja exacto, recorre aos velhos servos, os banqueiros, hontem mariolas sem dez reis, hoje emprestando ao senhor com grosso juro.

Chegou a cousa a ponto que, não só ás clausulas presidem sobrancerias odiosas, mas até, via da folha, se insulta ou ameaça. Facto que de resto stereotypa o outro que vimos comparando, uma vez que, apenas o morgado transpunha a porta, era dentro um apontado de recriminações aos seus desleixos, e chalaças e lérias pela baixeza praticada.

Agora, passado o tempo das larguezas, ahi vamos nós de serra em serra pedir aos estranhos, visto que se fazem por demais rogados os pulhas que permittimos nos roubassem. Mas nos outros mesmo se encontra a relutancia em emprestar, apressando-se contrariamente, visto haver contas antigas, em se pagarem senão em dinheiro, em generos, isto é, em possessões.

O morgado portuguez embora o arresto abrangesse a chaminé, aparentava nas festas o velho fausto, com creados emprestados e baixellas de aluguer. Eram esta e aquelles que fingiam encobrir a traça que dera nos haveres, egualmente como agora a opulencia com que sustentamos esse rei parece denotar riqueza da parte de quem lhe paga a farda e a comezaina. Seguidamente á festa, os que alugavam a loiça e as toalhas, rapinantes colaboradores no balbarato da fortuna do morgado, comentavam a decadencia, arrojando-se a atirar-lhe chicanas de cara e aconselhar-lhe juizo. O mesmo que vão fazendo os nossos politicos, clamando por cuidado e criterio na administração do patrimonio legado, depois de, á custa da nação, terem sido jogadores e

emeeiros, e esperando de novo governal-a para se locupletarem com mais fundos e mais femeas.

Foi assim que o morgado, não inquirindo dos infieis que lhe administravam os capitaes, abordou até o emprego na junta da parochia; foi assim que o paiz, entregando o seu governo a infieis, chegou á deboxada ruina em que se extingue. Como o fidalgo, viveu ludibriado, como o fidalgo, morrerá mendigo. E se os que fôram roubando um e outro são por tal factó traidores á probidade, infieis fôram tão pouco ao seu interesse e ao seu futuro os bons roubados.

Morgado morto, paiz morto: infieis defunctos!

CRIMMEL.